

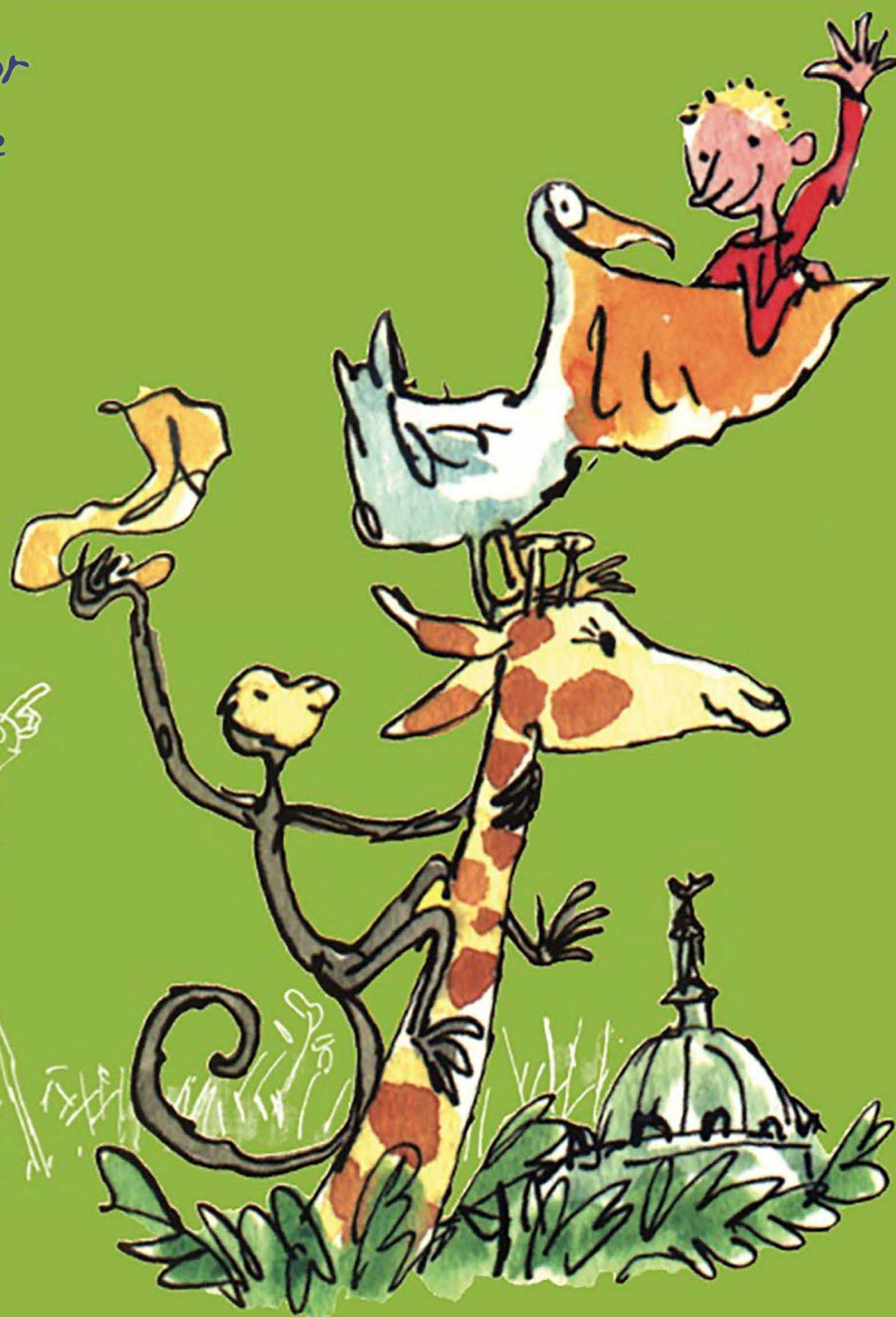


Roald Dahl

A Girafa, o Pelicano e Eu

*Ilustrado por
Quentin Blake*

Tradução de
Monica Stahel



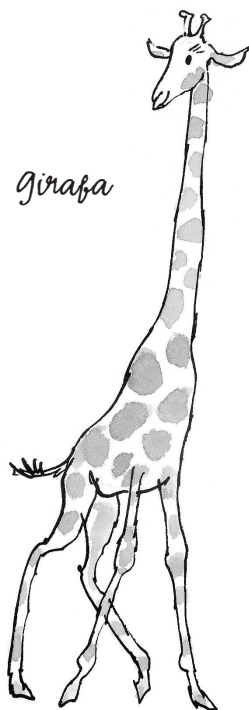
WMF



APRESENTANDO...

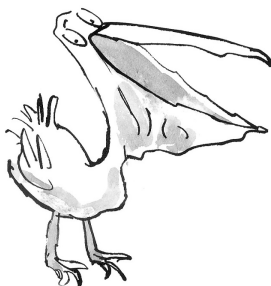


Billy



girafa

pelicano



Duque de
Hampshire



Macaco

Roald Dahl nasceu no País de Gales, em 1916, filho de pais noruegueses. Passou a infância na Inglaterra e, aos dezoito anos, foi para a África como empregado da companhia de petróleo Shell. Participou da Segunda Guerra Mundial como piloto da Real Força Aérea da Inglaterra. Começou a escrever quando era adido da embaixada britânica em Washington. Suas obras são hoje lidas e apreciadas no mundo todo. Entre seus livros para crianças que foram traduzidos para o português estão *A fantástica fábrica de chocolate*, *As bruxas*, *Matilda*, *Charlie e o grande elevador de vidro*, *Raposas e fazendeiros*, *Os Minpins* e *A Girafa, o Pelicano e eu*. Roald Dahl morreu em 1990, aos 74 anos de idade.

Quentin Blake nasceu num subúrbio de Londres, em 1932. Formou-se em inglês em Cambridge e fez pós-graduação em educação na London University. A partir de 1949, trabalhou como cartunista para muitas revistas, especialmente *Punch* e *The Spectator*. Depois passou para a área de ilustração de livros infantis, em que seu estilo inimitável obteve enorme sucesso. Paralelamente, desenvolveu a carreira de professor. Foi chefe do departamento de ilustração do Royal College of Art, onde hoje é professor convidado.

ROALD DAHL

A Girafa, o Pelicano e Eu



*Ilustrações de
Quentin Blake*

Tradução de
Monica Stahel



wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2016

Ortografia atualizada



*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
THE GIRAFFE AND THE PELLY AND ME.*

Copyright © Roald Dahl Nominee Ltd., 1985, para o texto.

Copyright © Quentin Blake, 1992, para as ilustrações.

*Copyright © 2013, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

1ª edição 2000

2ª edição 2016

Tradução

MONICA STAHEL

Revisão gráfica

Ana Maria de Oliveira M. Barbosa

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Impressão e acabamento

Orgrafic

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dahl, Roald, 1916-1990.

A girafa, o pelicano e eu / Roald Dahl ; tradução Monica
Stahel ; ilustrações de Quentin Blake. – 2ª ed. – São Paulo :
Editora WMF Martins Fontes, 2016.

Título original: The giraffe and the pelly and me.

ISBN 978-85-469-0077-0

1. Literatura infantojuvenil I. Blake, Quentin, 1932- II. Tí-
tulo.

16-03604

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

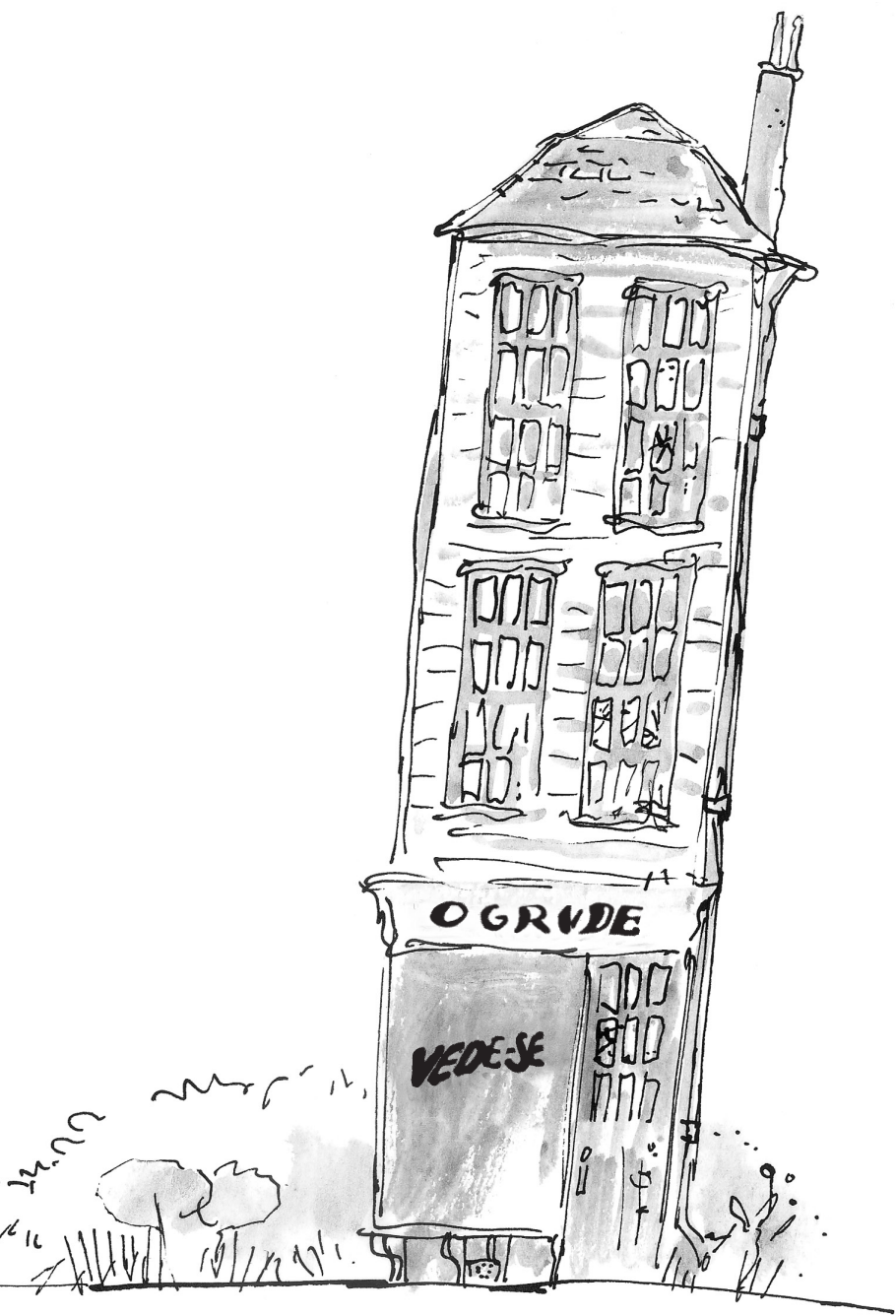
Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>





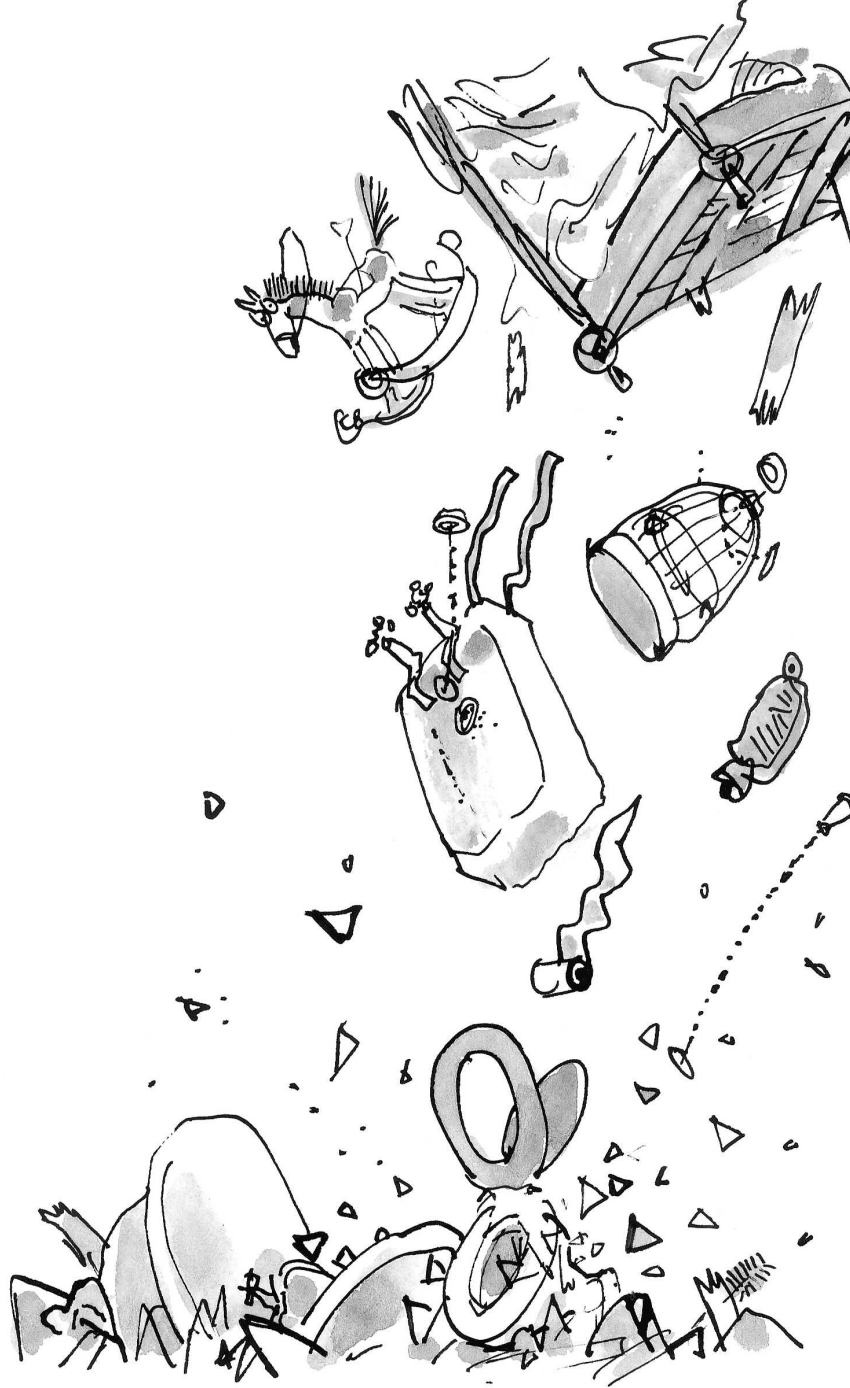


confeitaria. A confeitaria dos meus sonhos ia ter montes de pirulitos, caramelos, balas puxa-puxa, bastões de açúcar, chicletes-bola e muitas outras coisas deliciosas. Minha nossa, eu ia fazer coisas fantásticas se aquele velho grude fosse meu!

Alguns dias depois voltei ao Grude. Eu estava do outro lado da rua admirando aquela velha casa maravilhosa quando, de repente, uma banheira enorme saiu flutuando por uma janela do andar de cima e se espatifou bem no meio da rua!









Um pouco depois, uma privada de porcelana branca, ainda com o assento de madeira, saiu voando pela mesma janela e aterrissou com um estrondo bem ao lado da banheira. Logo atrás vieram uma pia de cozinha, uma gaiola de passarinho vazia, uma cama de dossel, duas bolsas de água quente, um cavalo de balanço, uma máquina de costura e um monte de outras coisas.

Era como se algum louco estivesse arrancando tudo de dentro da casa, porque depois começaram a voar pela janela degraus de escada, pedaços de corrimão e tábuas de assoalho.

Então tudo ficou em silêncio. Esperei, esperei, mas nenhum outro ruído vinha lá de dentro. Atravessei a rua, fiquei bem debaixo das janelas e gritei:

– Tem alguém aí?

Ninguém respondeu.

Finalmente começou a escurecer e eu tive de ir embora para casa. Mas jurei por tudo na vida que nada ia me impedir de voltar até lá na manhã seguinte para ver qual seria a próxima surpresa.

. . .



No dia seguinte, quando voltei ao Grude, a primeira coisa que notei foi a porta nova. Tinham tirado a velha porta marrom, que estava toda suja, e no lugar dela tinham colocado uma vermelha, novinha em folha. A porta nova era incrível. Era duas vezes mais alta do que a antiga e era ridícula. Eu não conseguia imaginar quem ia querer uma porta alta como aquela, a não ser que fosse um gigante.

Além disso, alguém tinha apagado a palavra VEDIDO para escrever um monte de outras coisas na vitrine inteira. Fiquei ali lendo, lendo, lendo, tentando entender o que aquilo queria dizer.

Tentei perceber algum sinal, barulho ou movimento dentro da casa, mas não havia nada...





A hand-drawn sketch of a building facade. On the left, there is a window with a grid pattern. Below the window is a large rectangular sign with text. To the right of the sign is a tall, narrow vertical sign. The drawing is done in black ink with some grey shading.

C
I
A

L
J
S
E

COMPANHIA DE LIMPEZA
DE JANELAS SEM
ESCADAS ~

Limpe suas janelas
sem escadas sujas
encasteadas nas
paredes da casa



até que de repente... com o rabo do olho... notei que uma das janelas do andar de cima foi se abrindo devagarinho...

Então, na janela aberta apareceu uma CABEÇA.

Fiquei olhando para a cabeça. A cabeça ficou olhando para mim com uns olhos pretos arregalados.



De repente uma outra janela se escancarou e foi uma loucura. Um imenso pássaro branco deu um pulo e se empoleirou no parapeito da janela. Eu sabia que pássaro era por causa do seu bico engraçado, que parecia uma bacia cor de laranja. O Pelicano olhou para mim e cantou:



*Essa fome danada
Está me dando desespero.
Alguém me traga uma pescada
Que não seja frita nem assada.
Tem que ser crua e sem tempero.*

– Estamos muito longe do mar – eu gritei –, mas tem um vendedor de peixe na cidade, não muito longe daqui.

– Um *o que* de peixe?

– Um vendedor.

– Que história é essa de vendedor de peixe? – perguntou o Pelicano. – Já ouvi falar em *filé* de peixe, *bolinho* de peixe, mas nunca ouvi falar em *vendedor* de peixe. É bom de comer?

A pergunta me deixou meio confuso, então eu disse:

– Quem é aquele seu amigo ali na janela?

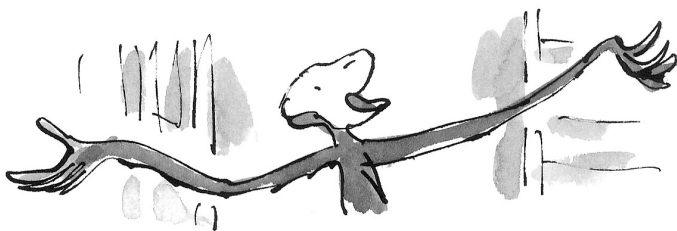
– É a Girafa! – o Pelicano respondeu. – Não é linda? As pernas dela estão no térreo e a cabeça está olhando pela janela aqui do segundo andar!

Como se não bastasse, a janela do primeiro andar se escancarou e apareceu um macaco.

O Macaco pulou no parapeito e deu uns passos de dança. Era tão magricela que parecia ser feito só de arame felpudo, mas ele dançava muito bem. Bati palmas, gritei e respondi dançando também.







– Somos os limpadores de janelas! – cantou o Macaco.

*Ora, ora, quem foi que disse
Que macaco só faz macaquice
E não gosta de trabalho?
Pois na limpeza eu nunca falho.
Canto e danço porque esse é meu jeito,
Ser alegre e brincar não é defeito.*

*Seja vidro, janela ou vidraça,
Se é pra limpar, fale com a gente.
Serviço melhor não há quem faça,
Usamos sabão, sorriso e detergente.
E sai barato, quase de graça!
Pelicano, Girafa, eu e companhia
Atendemos de noite e de dia.*

*Além da limpeza perfeita e acabada
Nossa vantagem é não usar escada.
Escada pra quê? Que coisa antiga!
Quem tem na equipe a Girafa, nossa amiga,
Por mais alta que seja uma janela
Sempre dá um jeito de chegar até ela.*

Fiquei ali, boquiaberto. Então ouvi a Girafa dizer ao Pelicano, na janela ao lado:

– Pelico, querido, por favor, voe até lá embaixo e traga aquela pessoinha para falar com a gente.

O Pelicano abriu suas imensas asas brancas, voou até a rua e pousou ao meu lado.

– Para dentro – ele disse, abrindo o bico.

Ao ver aquele imenso bico cor de laranja, dei um passo para trás.

– VAMOS LÁ! – o Macaco gritou lá da janela.

– O Pelico não vai *engolir* você! Pule aí dentro!

Então eu disse ao Pelicano:

– Só entro se você me prometer que não vai fechar o bico enquanto eu estiver aí dentro.

– Não precisa ter medo! – exclamou o Pelicano –,

E sabe por quê, menino?

Porque meu bico é especial!

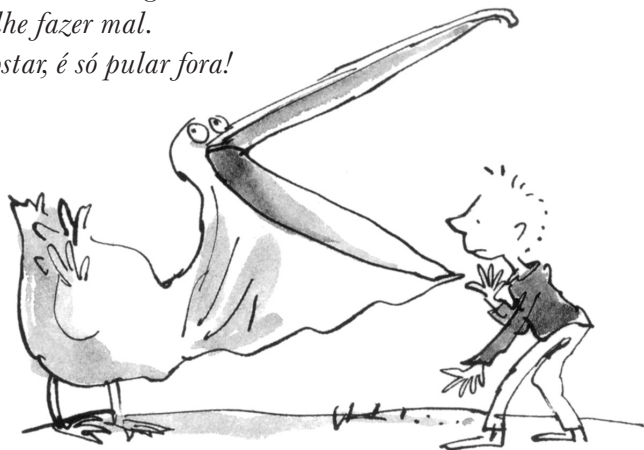
Não é grosso nem fino,

Mas é diferente, não há outro igual!

Ele é mágico! Entre logo, ora!

Não vou lhe fazer mal.

Se não gostar, é só pular fora!



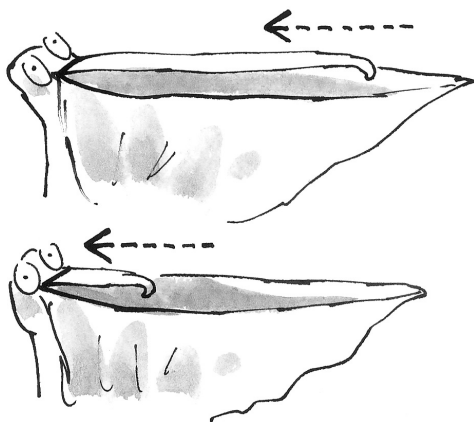
– Não entro! – eu disse. – A não ser que você me jure pela sua honra que não vai fechar o bico quando eu estiver aí dentro. Não gosto de lugares apertados e escuros.

– Quando eu fizer o que você vai ver agora – disse o Pelicano –, nem vou ser *capaz* de fechá-lo. Parece que você ainda não entendeu como o meu bico funciona.

– Então me mostre – eu disse.

– Veja! – exclamou o Pelicano.

Fiquei admirado quando vi a parte de cima do bico do Pelicano deslizando para trás suavemente, como se estivesse se encolhendo para dentro da cabeça dele, até quase desaparecer.



– Ele se dobra e desce por trás do meu pescoço! – disse o Pelicano. – Não é incrível? Não é mágico?

– É inacreditável – eu disse. – Parece uma trena de metal que o meu pai tem em casa, para medir as coisas. Quando está para fora, é reta. Quando a gente empurra para trás, ela se enrola e desaparece.

– Exatamente – disse o Pelicano. – Acontece que a parte de cima do meu bico não serve para nada quando não estou mastigando peixe. A parte de baixo é que importa, garotão! A parte de baixo deste meu bico fantástico é o balde no qual eu carrego nossa água para limpar as janelas! Portanto, se eu não pudesse recolher a parte de cima, ia ter que ficar o dia inteiro com ela aberta para cima!

*Depois do café e do almoço
Eu a enfio pra dentro do pescoço.
Há muito tempo isso acontece,
Dia após dia, ano após ano,
E hoje todo o mundo conhece
O bico mágico do Pelicano.*

*E na hora do meu jantar,
Pra comer pescada ou linguado
Pisco um olho para o mar
E meu bico aparece, todo esticado,
Dia após dia, ano após ano.
É o bico mágico do Pelicano!*





– Ei, você aí embaixo, pare de se exhibir! – gritou o Macaco. – Suba logo e traga esse menino para falar com a gente! A Girafa está esperando!

Entrei no imenso bico cor de laranja, o Pelicano bateu as asas e me carregou até o poleiro dele, o parapeito da janela.

Lá da sua janela, a Girafa olhou para mim e disse:

– Tudo bem? Como é o seu nome?

– Billy – eu disse.

– Pois bem, Billy – ela continuou –, precisamos da sua ajuda, e tem que ser logo! *Precisamos* arranjar umas janelas para limpar. Gastamos até nosso

último centavo comprando esta casa, e agora precisamos ganhar mais dinheiro, rapidamente. O Pelico está morrendo de fome, o Macaco está com um buraco no estômago e eu preciso comer. O Pelicano precisa de peixe, o Macaco de nozes e eu sou muito difícil de alimentar. Sou uma girafa-gerânio, e girafas-gerânio só podem comer as flores cor-de-rosa e vermelhas da árvore tlim-tlim. Mas, como você deve saber, essas flores são muito caras e difíceis de encontrar.

O Pelicano gritou:

– Estou com tanta fome que seria até capaz de comer uma sardinha estragada!

*Alguém viu uma sardinha estragada
Ou um balde de linguado fedido?
Aceito qualquer coisa, até bacalhoda
Feita com bacalhau vencido.*

Quando o Pelicano falava, o bico onde eu estava balançava para cima e para baixo. E, quanto mais nervoso o pássaro ficava, mais seu bico se agitava.

O Macaco disse:

– O Pelico gosta mesmo é de salmão.

– Ah, é isso mesmo! – exclamou o Pelicano. – Salmão! Que delícia! Sonho com salmão o dia inteiro, mas nunca consigo nenhum!

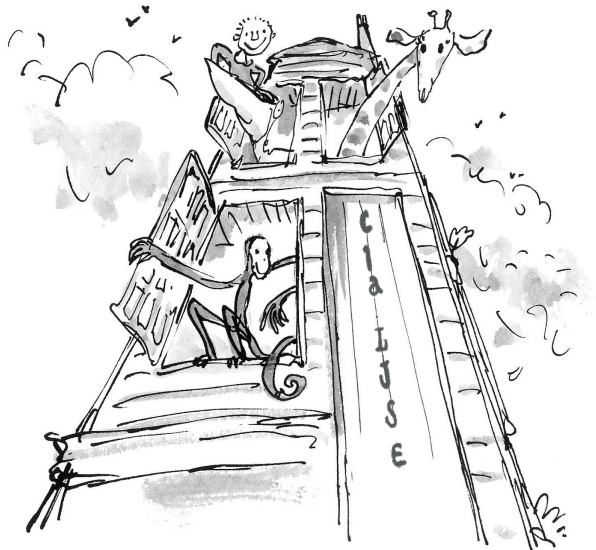
– E eu sonho com *nozes*! – disse o Macaco. – Uma noz fresquinha, apanhada na hora, é uma grunchícia-gulícia, cheirícia-deliciosa, tão docinha que dá água na boca só de pensar.

Exatamente nesse momento, um enorme Rolls-Royce branco parou bem embaixo de nós e um motorista de uniforme azul e dourado saiu de dentro dele. Ele estava de luvas e segurava um envelope.

– Minha nossa! – eu sussurrei. – É o carro do Duque de Hampshire!

– Quem é esse? – perguntou a Girafa.





– É o homem mais rico da Inglaterra! – eu disse.

O motorista bateu na porta do grude.

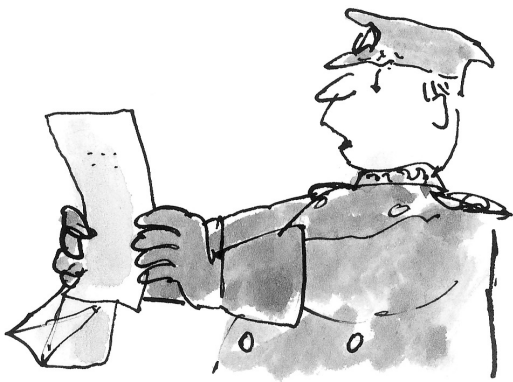
Então ele levantou os olhos e nos viu. Viu a Girafa, o Pelicano, o Macaco e eu, todos olhando para ele lá de cima. Mas ele não mexeu um músculo do rosto, nem mesmo levantou uma sobrancelha. Os motoristas de gente muito rica nunca se espantam com nada do que veem. O motorista disse:

– Sua Alteza o Duque de Hampshire me deu ordens para entregar este envelope à Companhia de Limpeza de Janelas sem Escada.

– Somos nós! – gritou o Macaco.

A Girafa disse:

– Por gentileza, abra o envelope e leia a carta para nós.



O motorista abriu a carta e começou a ler:

– “Prezados senhores, vi seu anúncio quando passei por aí hoje de manhã. Há cinquenta anos procuro um limpador de janelas decente, mas até hoje não encontrei nenhum. Minha casa tem seiscentas e setenta e sete janelas (sem contar a estufa), e todas elas estão imundas. Por favor, venham falar comigo assim que possível. Cordialmente, Hampshire.” Esta carta – acrescentou o motorista, com uma voz cheia de devoção e respeito – foi escrita por Sua Alteza o Duque de Hampshire, de próprio punho.

A Girafa disse ao motorista:

– Por favor, diga à Sua Alteza o Duque de Hampshire que iremos falar com ele o mais depressa possível.

O motorista pôs a mão no boné e voltou ao Rolls-Royce.

– Iupiiii! – gritou o Macaco.

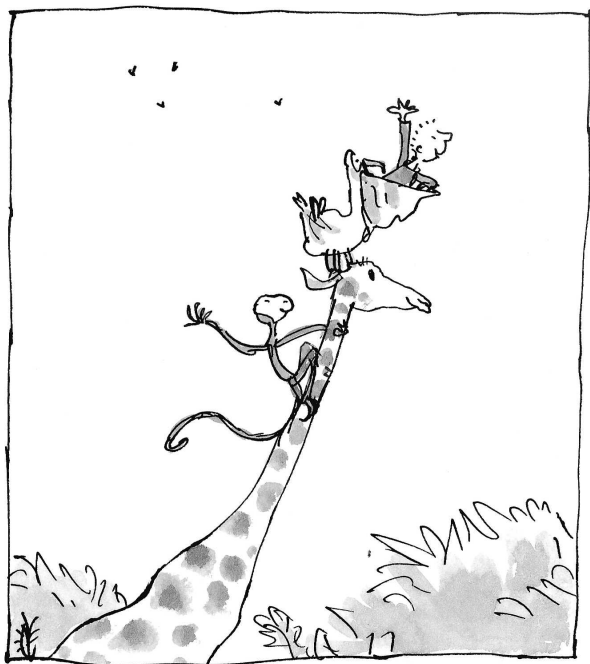
– Sensacional! – gritou o Pelicano. – Deve ser a melhor encomenda de limpeza de janelas do mundo!

– Billy – disse a Girafa –, como se chama a casa do Duque e como vamos até lá?

– Chama-se Casa Hampshire – eu disse. – É no alto da colina. Eu mostro o caminho.

– Vamos lá! – exclamou o Macaco. – Vamos à casa do Duque!

A Girafa se curvou e saiu pela porta. O Macaco pulou do parapeito da janela nas costas da Girafa.





O Pelicano, me levando perigosamente suspenso no bico, saiu voando e se empoleirou no alto da cabeça da Girafa. E lá fomos nós.

Não demorou muito para chegarmos aos portões da Casa Hampshire. Enquanto a Girafa subia lentamente a alameda de entrada, todos nós começamos a ficar um pouco nervosos.

– Como é esse Duque? – a Girafa me perguntou.



– Não sei – eu disse. – Dizem que ele tem vinte e cinco jardineiros só para cuidar dos seus canteiros de flores.

Logo avistamos a própria Casa. Era uma mansão e tanto, imensa! Parecia um palácio! Era maior do que um palácio!

– Vejam só as janelas! – gritou o Macaco. – Vão nos manter ocupados pelo resto da vida!

Então ouvimos uma voz de homem ali perto, à nossa direita.

– Quero aquelas escuras, do alto da árvore! – o homem gritava. – Dê-me aquelas escuras bem grandes!

Olhamos para o meio dos arbustos e vimos um velho, com um imenso bigode branco, em pé debaixo de uma cerejeira, apontando para cima com sua bengala. Havia uma escada encostada na árvore e um outro homem, provavelmente o jardineiro, no alto da escada.

– Tire aquelas grandes e suculentas, aquelas escuras, à direita, bem no alto! – o velho gritou.

– Não consigo alcançá-las, Alteza – disse o jardineiro. – O tamanho da escada não é suficiente!







– Droga! – gritou o Duque. – Eu *estava* com tanta vontade de comer aquelas grandes!

– Vamos lá! – o Pelicano sussurrou para mim.

Com um impulso, ele levantou voo e me carregou até o alto da cerejeira. Lá ele se empoleirou e cochichou:

– Pegue as cerejas, Billy! Depressa! Coloque-as dentro do meu bico!

O jardineiro levou tamanho susto que caiu da escada. Lá embaixo, o Duque gritava:

– Minha espingarda! Tragam minha espingarda! Um pássaro monstruoso está roubando minhas cerejas! Saia daí, cavalheiro! Vá embora! Essas cerejas são *minhas*, não são suas! Vou acertá-lo por isso, cavalheiro! Onde *está* minha espingarda?

– Depressa, Billy! – sussurrou o Pelicano. – Depressa, depressa!





– Minha espingarda – o Duque gritou para o jardineiro. – Vá buscar minha espingarda, idiota! Vou comer esse pássaro ladrão no café da manhã! Ah, se vou!

– Peguei todas – sussurrei para o Pelicano.

Então o Pelicano desceu voando e pousou bem ao lado da figura furiosa do Duque de Hampshire, que saltitava e brandia a bengala no ar.

– Suas cerejas, Alteza! – eu disse, debruçado para fora do bico do Pelicano e entregando as cerejas ao Duque.

O Duque ficou perplexo. Deu um passo para trás e seus olhos quase saltaram das órbitas.

– Meu Deus! O que é isso? Quem são *vocês*?

Então a Girafa, com o Macaco dançando em suas costas, surgiu de repente do meio dos arbustos. O Duque olhou para eles, espantado. Parecia que ia ter um ataque.

– *Quem são essas criaturas?* – ele urrou.

– Somos os limpadores de janelas! – cantorolou o Macaco.

*Seja vidro, janela ou vidraça,
Se é pra limpar, fale com a gente.
Serviço melhor não há quem faça,
Usamos sabão, sorriso e detergente.
E sai barato, quase de graça!
Pelicano, Girafa, eu e companhia
Atendemos de noite e de dia.*





– O senhor *pediu* para virmos até aqui – disse a Girafa.

O Duque estava começando a entender. Pôs uma cereja na boca e foi mastigando devagarinho. Depois cuspiu o caroço.

– Gostei da maneira como vocês colheram estas cerejas para mim – ele disse. – Será que no outono vocês podem colher minhas maçãs?

– Podemos! Podemos! Claro que podemos! – gritamos todos nós.

– E quem é *ocê*? – o Duque perguntou, apontando a bengala para mim.

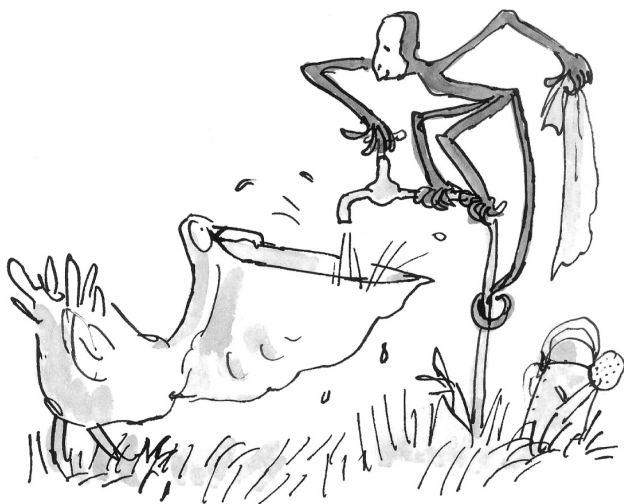
– Ele é nosso agente comercial – disse a Girafa. – Seu nome é Billy. – Não vamos a nenhum lugar sem ele.

– Muito bem, muito bem – o Duque murmurou. – Venham comigo. Vamos ver se vocês são bons para limpar janelas.

Pulei fora do bico do Pelicano. O Duque me pegou gentilmente pela mão e fomos andando para a mansão. Quando chegamos, o Duque perguntou:

– Como vai ser agora?

– É muito simples, Alteza – disse a Girafa. – Eu sou a escada, o Pelico é o balde e o Macaco é o limpador. Veja só!



Assim, a famosa equipe de limpeza de janelas entrou em ação. O Macaco pulou das costas da Girafa e abriu a torneira do jardim. O Pelicano pôs seu bico enorme embaixo da torneira para

ele se encher de água. Então, com um magnífico salto ornamental, o Macaco voltou às costas da Girafa. Dali ele subiu com uma facilidade incrível pelo pescoço dela e se equilibrou no alto da sua cabeça. O Pelicano ficou no chão, ao nosso lado, olhando para a Girafa.

– Vamos limpar as do primeiro andar! – a Girafa gritou. – Traga a água, por favor.

– Não se preocupem com as dos andares de cima – o Duque gritou. – Vocês não vão alcançar!

– Quem disse? – a Girafa retrucou.

– Eu estou dizendo – disse o Duque, resoluto. – Não quero ver ninguém arriscando o pescoço aqui na minha casa!

Quem quer ser amigo da Girafa, nunca deve menosprezar o pescoço dela. Seu pescoço é a coisa de que ela mais se orgulha.

– O que é que tem o meu pescoço? – esbravejou a Girafa.

– Não discuta comigo, criatura estúpida! – disse o Duque. – Estou dizendo que você não alcança, e pronto! Agora continue trabalhando!





– Alteza – disse a Girafa, olhando para o Duque com um sorrisinho de superioridade –, não há janela no mundo que eu não consiga alcançar com este meu pescoço mágico.

O Macaco, que estava dançando perigosamente no alto da cabeça da Girafa, gritou:

– Mostre para ele, Girafinha! Mostre para ele o que você é capaz de fazer com seu pescoço mágico!

Imediatamente o pescoço da Girafa, que todos sabem o quanto é comprido, foi ficando mais comprido,

MAIS COMPRIDO

MAIS COMPRIDO

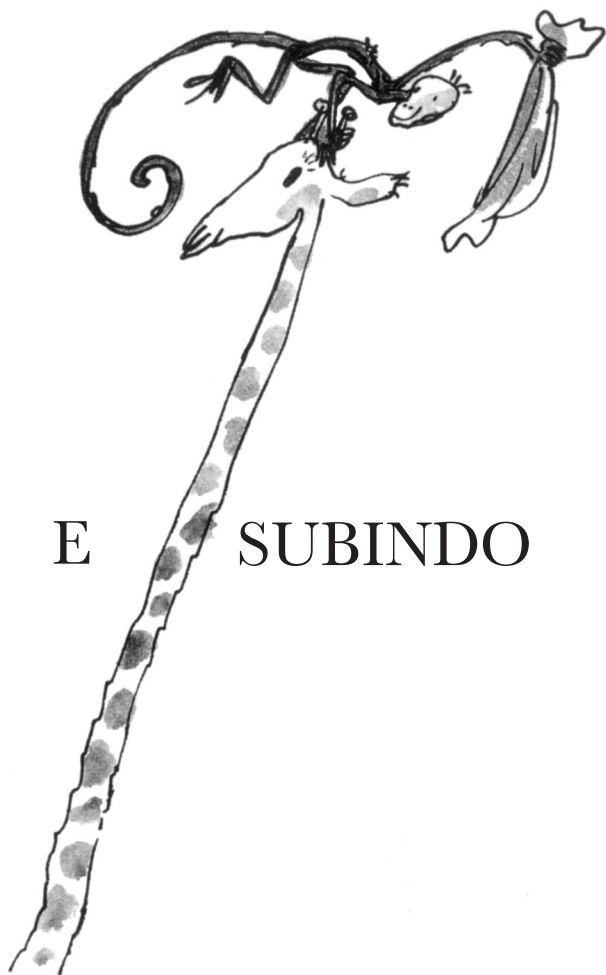
MAIS COMPRIDO





SUBINDO

SUBINDO



E SUBINDO

até que finalmente a cabeça da Girafa com o Macaco em cima chegou à altura das janelas do andar de cima.

Lá das alturas, a Girafa olhou para baixo e perguntou:

– O que me diz agora?

O Duque estava sem fala. E eu também. Era a coisa mais mágica que eu já tinha visto na vida, até mais mágica do que o bico mágico do Pelicano.

Lá no alto, a Girafa começou a cantar uma canção, mas ela cantava tão baixinho que nem me lembro direito da letra. Acho que era mais ou menos assim:

*Mais alto ainda chega meu pescoço,
Até onde a águia costuma voar.
Não mostro pra não causar alvoroço
Pois vocês com certeza iriam se assustar
Pensando que eu não fosse mais voltar.*



O Pelicano, com o bico enorme cheio de água, voou até uma das janelas do andar mais alto e se empoleirou no parapeito, perto do Macaco. Então começou de fato o serviço de limpeza.

A equipe trabalhava com uma rapidez impressionante. Assim que terminavam uma janela, a Girafa levava o Macaco até a janela seguinte, e o Pelicano ia atrás.

Quando todas as janelas daquele lado do quarto andar ficaram prontas, a Girafa simplesmente encolheu seu pescoço mágico até o Macaco che-



gar à altura do terceiro andar. E eles continuaram o trabalho.

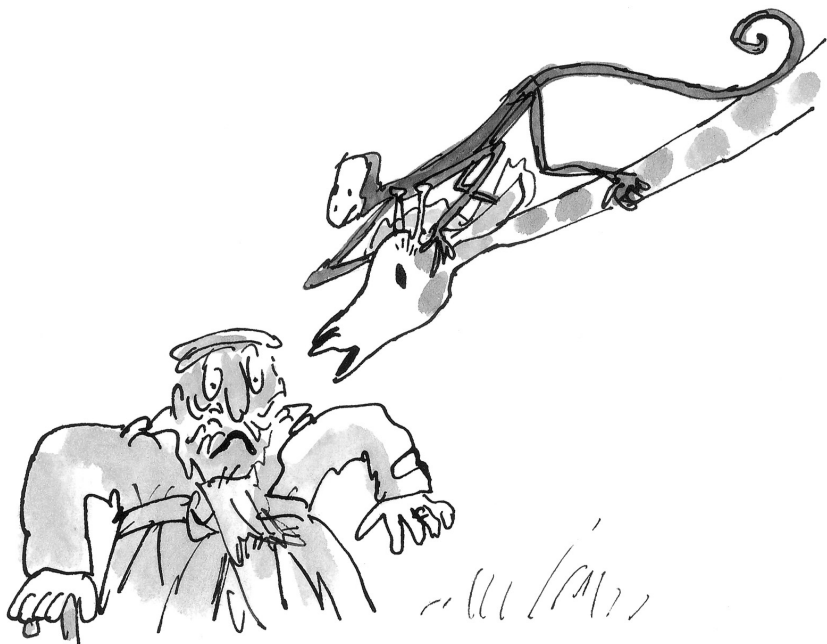
– Impressionante! – gritou o Duque! – Espantoso! Notável! Incrível! Há quarenta anos eu não conseguia enxergar nada quando olhava pelas minhas janelas! Agora vou poder sentar lá dentro e apreciar a paisagem!

De repente vi os três limpadores de janelas se imobilizarem. Encostados na parede da casa, pareciam ter congelado. Ninguém se mexia.

– O que aconteceu com eles? – o Duque me perguntou. – Qual é o problema?

– Não sei – respondi.

Então a Girafa, com o Macaco na cabeça, veio andando até nós, na ponta dos pés, muito cautelosa. O Pelicano os acompanhou voando. A Girafa chegou bem pertinho do Duque e cochichou:





– Alteza, há um homem num dos quartos do terceiro andar. Ele está abrindo todas as gavetas e tirando as coisas de dentro delas. E ele está com um revólver!

O Duque deu um pulo.

– Qual é o quarto? – ele perguntou, zangado.
– Mostrem-me já!

– É no terceiro andar, aquele que está com a janela aberta! – a Girafa cochichou.

– Meu Deus! – gritou o Duque. – É o quarto da Duquesa! Ele está atrás das joias dela! Chamem a polícia! Tragam o canhão! Acionem a brigada!

Mas, enquanto ele falava, o Pelicano saiu voando e virou de ponta-cabeça para despejar a água



do bico. Então vi surgir a parte de cima daquele bico fantástico, preparando-se para agir.

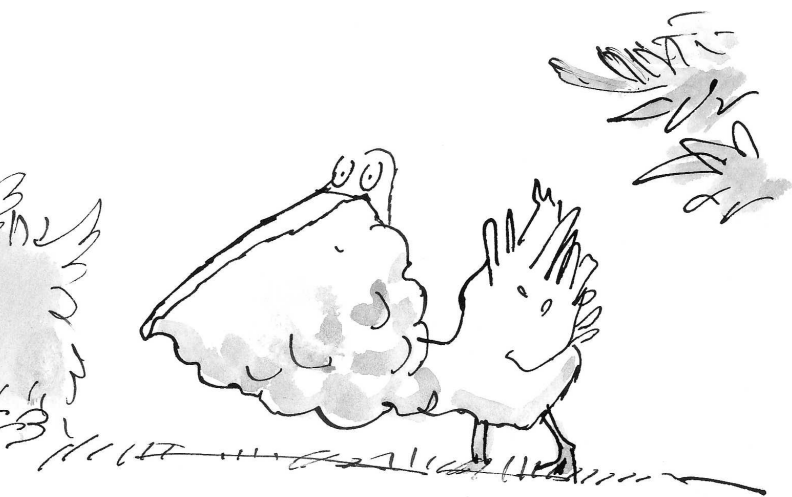
– O que aquele pássaro maluco vai fazer? – gritou o Duque.

– Espere e verá – gritou o Macaco. – Tome fôlego, meu velho! Prenda a respiração! Segure os cavalos e solte o Pelico!

O Pelicano entrou como uma bala pela janela aberta. Cinco segundos depois, ele saiu com o imenso bico cor de laranja bem fechado e pousou no gramado, ao lado do Duque.

De dentro do bico do Pelicano vinha um barulhão. Era como se alguém o estivesse marretando por dentro.

– Ele o pegou! – gritou o Macaco. – O Pelico prendeu o ladrão no bico!



– Bom trabalho, cavalheiro! – gritava o Duque, pulando de um lado para o outro, agitado.

Então o Duque puxou o cabo da bengala e, de dentro dela, saiu uma espada longa, brilhante e afiada.

– Vou botá-lo pra correr! – ele gritou, brandindo a espada como um esgrimista. – Abra o bico, Pelicano! Deixe-me acertá-lo! Vou espetá-lo antes que ele tenha tempo de saber o que está acontecendo! Vou picá-lo como um pedaço de manteiga! Meus cães de caça vão se regalar com as entranhas dele!

Mas o Pelicano não abria o bico. Mantinha-o fechado firmemente e balançava a cabeça para o Duque.

A Girafa gritou:

– O ladrão está armado com um revólver, Alteza! Se o Pelico o soltar, ele vai matar todos nós!

– Pode até estar armado de *metralhadora*, não estou nem aí! – urrou o Duque, com seus bigodes eriçados feito uma touceira de capim. – Vou dar um jeito nessa praga! Abra, cavalheiro! Abra!

De repente ouviu-se um estouro de arrebentar os ouvidos e o Pelicano deu um pulo de sete metros no ar. O Duque fez o mesmo.

– Cuidado! – gritou o Duque, dando dez passos para trás. – Ele está tentando abrir caminho a bala!

Apontando sua espada para o Pelicano, ele urrou:

– Mantenha o bico fechado, cavalheiro! Não ouse deixá-lo sair! Ele vai matar todos nós!

– Chacoalhe-o, Pelico! – gritou a Girafa. – Arrebente seus ossos! Ensine-o a não fazer mais isso!





O Pelicano chacoalhou sua cabeça de um lado para outro tão depressa que seu bico virou um borrão. O homem lá dentro deve ter se sentido virar omelete.

– Muito bem, Pelico! – gritou a Girafa. – Bom trabalho! Continue chacoalhando, para ele não disparar o revólver de novo!

Nesse momento, uma mulher de peito enorme e cabelo cor de laranja flamejante saiu da casa gritando:



– Minhas joias! Alguém roubou minhas joias! Minha tiara de brilhantes! Meu colar de brilhantes! Minhas pulseiras de brilhantes! Meus brincos de brilhantes! Meus anéis de brilhantes! Roubaram tudo! Meus aposentos foram assaltados!

Então a mulher gordona, que vinte e cinco anos atrás era uma cantora de ópera de fama internacional, começou a cantar:



*Ai, minhas joiazinhas caras
Que hoje cedo me fugiram
Quem roubou minhas peças raras
Vocês sabem, vocês sabem, vocês viram?*

Estávamos tão tomados pela potência da voz da mulher que todos, menos o Pelicano, que tinha ficado de bico fechado, respondemos em coro:



*É o fim, é o fim,
Tragam as joias de volta pra mim, pra mim!
É o fim, é o fim,
Tragam as joias de volta pra mim!*

– Calma, Henriqueta – disse o Duque, mostrando o Pelicano. – Esse pássaro esperto, esse brilhante caçador de ladrões nos salvou! O assaltante está no bico dele!

A Duquesa olhou para o Pelicano. O Pelicano olhou para a Duquesa e deu uma piscadela.

– Se ele está aí dentro – ela gritou –, por que não o solta? Depois você pode atravessá-lo com aquela sua famosa espada! Quero meus brilhantes! Abra o bico, passarinho!

– Não, não! – gritou o Duque. – Ele está armado! Vai matar todos nós!



Alguém deve ter dado o alarme, pois de repente quatro carros de polícia chegaram com as sirenes ligadas.

Em alguns segundos fomos cercados por seis policiais, e o Duque gritou para eles:

– O bandido que vocês estão procurando está dentro do bico desse pássaro! Cheguem perto para amarrá-lo!

E, dirigindo-se ao Pelicano, ele disse:

– Prepare-se para abrir o bico! Atenção... preparar... *já!* Pode abrir!

O Pelicano abriu seu bico gigantesco e imediatamente os policiais agarraram o ladrão que estava acororado lá dentro. Tomaram o revólver dele e o algemaram.

– Minha nossa! É o Cobra em pessoa! – gritou o delegado de polícia.



– Quem? O quê? – todos perguntaram. – Quem é o Cobra?

– O Cobra é o ladrão mais esperto e perigoso do mundo! – disse o delegado. – Ele deve ter subido pela calha! O Cobra sobe por qualquer lugar.

– Minhas joias! – gritou a Duquesa. – Quero meus brilhantes!

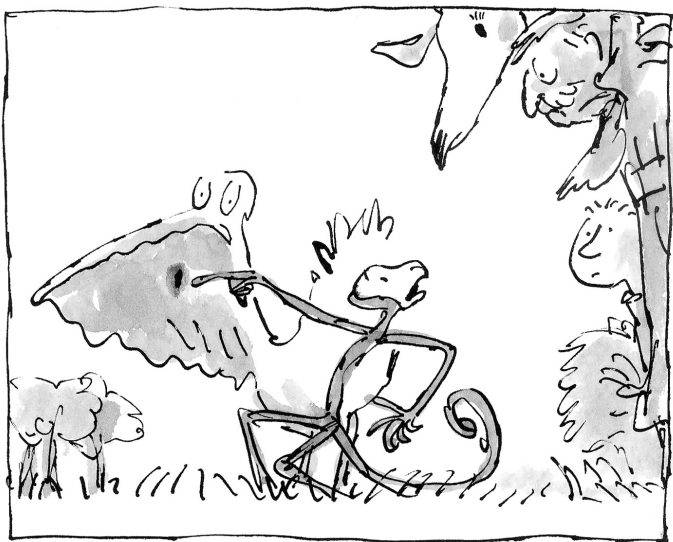
– Estão aqui! – gritou o delegado de polícia, tirando montes de joias dos bolsos do ladrão.

A Duquesa ficou tão aliviada que caiu no chão desmaiada.

Depois que a polícia levou embora o temível ladrão conhecido como Cobra e os criados carregaram a Duquesa desmaiada para dentro de casa, o Duque ficou no jardim com a Girafa, o Pelicano, o Macaco e eu.

– Vejam! – exclamou o Macaco. – Aquela bala que o ladrão atirou abriu um buraco no bico do coitado do Pelico!

– Que azar! – disse o Pelicano. – Agora meu bico não vai mais servir para carregar água quando formos limpar as janelas.





– Não se preocupe, meu caro Pelicano – disse o Duque, acariciando o bico do Pelico. – Meu motorista vai remendá-lo, como ele remenda os pneus furados do Rolls-Royce. Agora temos coisas muito mais importantes com que nos preocupar do que um buraquinho no seu bico.

Ficamos esperando para ver o que o Duque ia dizer.

– Ouçam, vocês todos – ele disse. – Aqueles brilhantes valem milhões! Milhões e milhões, e *vocês* os salvaram!

O Macaco meneou a cabeça. A Girafa sorriu. O Pelicano corou.

– Não há como recompensá-los – continuou o Duque. – Por isso vou lhes fazer uma proposta que espero que lhes agrade. Convido a Girafa, o Macaco e o Pelicano para morarem nas minhas terras pelo resto da vida. Vou lhes dar como residência o melhor dos meus celeiros. Vou mandar instalar aquecimento central, chuveiro, uma cozinha e tudo o que desejarem para lhes dar conforto. Em troca, vocês manterão minhas janelas limpas, colherão minhas cerejas e minhas maçãs. Se o Pelicano quiser, talvez ele possa me levar para passear no seu bico de vez em quando.

– Será um prazer, Alteza! – exclamou o Pelicano. – Que tal dar uma voltinha agora?

– Mais tarde – disse o Duque. – Depois do chá!

Nesse momento, a Girafa deu uma tossidinha nervosa e olhou para o céu.

– Algum problema? – perguntou o Duque. – Se houver, me diga, por favor.

– Não quero parecer ingrata ou intrometida – murmurou a Girafa. – Mas temos um problema urgente: estamos famintos. Faz dias que não comemos.

– Minha querida *Girafinha*! – disse o Duque. – Que falta de atenção a minha! Comida por aqui não é problema.

– Temo que não seja tão fácil assim – disse a Girafa. – Eu, por exemplo, sou...

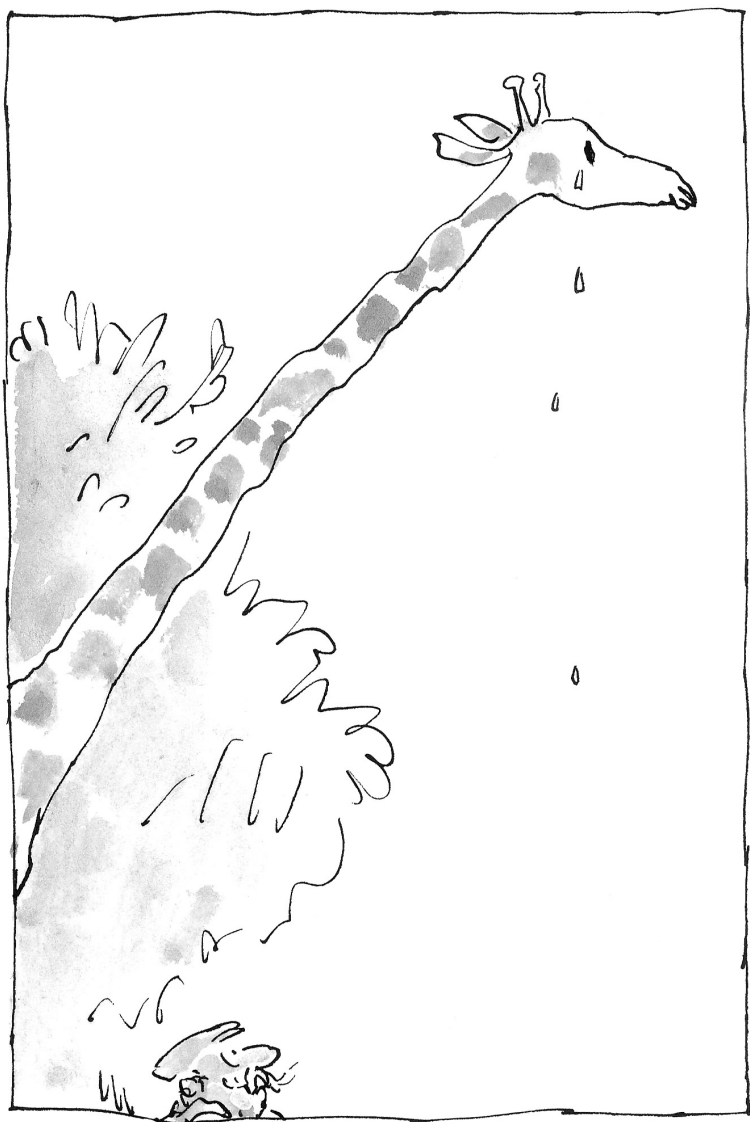
– Não precisa dizer! – retrucou o Duque. – Já sei! Sou um conhecedor dos animais da África! Assim que a vi percebi que não era uma girafa comum. Você é da família das gerânios, não é mesmo?

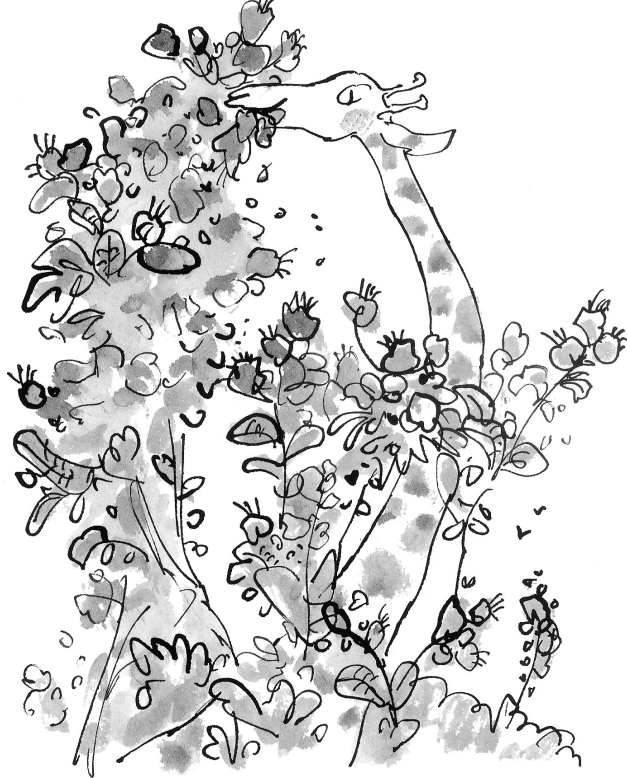
– Está absolutamente certo, Alteza! – disse a Girafa. – O problema é que nós só comemos...

– Também não precisa me dizer isso! – exclamou o Duque. – Sei perfeitamente que uma girafa-gerânio só pode comer uma coisa: as flores cor-de-rosa e vermelhas da árvore tlim-tlim, não é mesmo?

– É – confirmou a Girafa –, e esse tem sido meu problema desde que cheguei a este lugar.

– Na Casa Hampshire isso não é problema – disse o Duque. – Olhe para lá, cara Girafinha, e





você verá a única plantação de árvore tlim-tlim do país!

A Girafa olhou. Quase engasgou de espanto, e no começo ficou tão surpresa que nem conseguiu falar. Lágrimas de alegria começaram a escorrer pelas suas bochechas.

– Sirva-se à vontade – disse o Duque. – Coma quanto quiser.

Imediatamente ela saiu galopando a toda velocidade pela campina, relinchando de satisfação, e depois só a vimos mergulhar a cabeça entre as

belas flores cor-de-rosa e vermelhas que brotavam na copa das árvores em torno dela.

– Quanto ao Macaco – o Duque continuou –, acho que também vai gostar do que tenho a lhe oferecer. – Em toda a minha propriedade, há centenas de árvores gigantes...

– Árvores? – gritou o Macaco. – Que tipos de árvores?

– Nogueiras! Árvores de nozes – disse o Duque.

– *Nozes!* – exclamou o Macaco. – Nozes mesmo? O senhor disse nozes? Está zombando de mim? Está brincando? O senhor não deve estar falando sério! Devo ter ouvido errado!

– Há uma nogueira bem ali – disse o Duque, apontando.



O Macaco disparou como uma flecha, e alguns segundos depois já estava encarapitado entre os galhos da noqueira, quebrando as nozes e devorando o seu miolo.

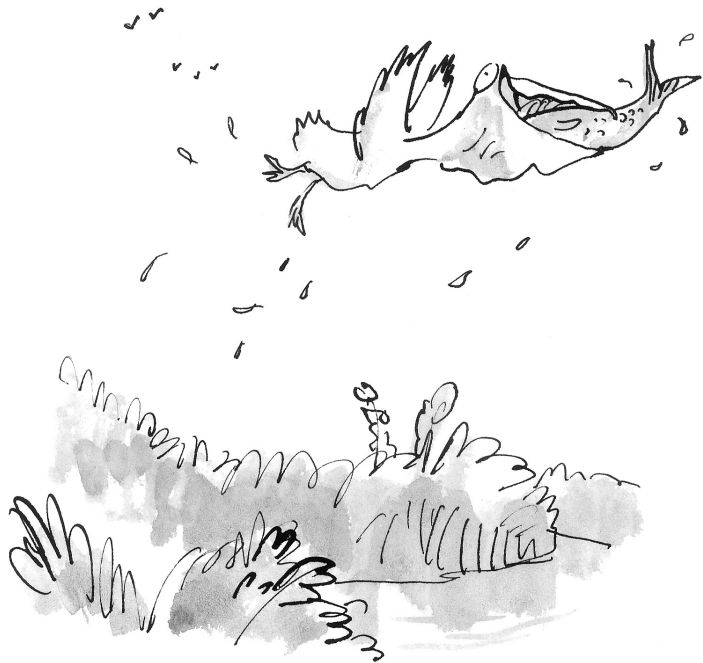
– Agora falta o Pelico – disse o Duque.

– É – disse o Pelicano, nervoso –, mas o que eu como não dá em árvore. Eu só como peixe. Será que daria muito trabalho se eu pedisse um pedaço mais ou menos fresco de hadoque ou bacalhau todos os dias?

– Hadoque ou bacalhau! – exclamou o Duque, cuspidando as palavras como se elas tivessem gosto ruim. – Ora, meu caro Pelico, espiche os olhos ali para o sul.

O Pelicano olhou para onde o Duque apontava e, ao longe, avistou um imenso rio.





– Aquele é o rio Hamp! – disse o Duque. – O rio da Europa em que há maior quantidade de salmão!

– *Salmão!* – guinchou o Pelicano. – O senhor disse *salmão*? *Salmão mesmo?*

– Está *cheio* de salmão, e ele me pertence. Pode se servir à vontade!

Antes que o Duque terminasse de falar, o Pelicano já tinha levantado voo. O Duque e eu o vimos sair a toda velocidade na direção do rio. Chegando lá, descreveu um círculo no ar, mergulhou e desapareceu. Alguns instantes depois, saiu voando de novo, com um salmão gigantesco no bico.



Eu estava sozinho com o Duque no gramado ao lado de sua mansão.

– Bem, Billy, estou feliz por ver que estão todos satisfeitos. Mas e você, garoto? Diga lá, será que você não tem pelo menos um desejozinho especial?

De repente senti meus pés formigarem. Era como se alguma coisa excepcional fosse me acontecer a qualquer momento.



– Tenho, sim – murmurei, nervoso. – Eu tenho um desejozinho especial.

– E qual é? – disse o Duque, com voz carinhosa.

– Perto de onde eu moro há uma velha casa de madeira – eu disse. – Chama-se O Grude, e antigamente era uma confeitaria. Sempre desejei que algum dia alguém transformasse de novo aquela casa numa confeitaria maravilhosa.

– Alguém? – gritou o Duque. – Como assim, *alguém*? Você e eu vamos fazer isso! Nós dois juntos! Vamos transformá-la na confeitaria mais sensacional do mundo! E *você*, garoto, vai ser o dono dela!

Quando o velho Duque se entusiasmava, o bigode dele se eriçava e saltava. Naquele momento, seu bigode saltava para cima e para baixo, como se fosse um esquilo pendurado no rosto do Duque.

– Minha nossa, preciso comprar aquela casa hoje! – ele gritou, brandindo a bengala. – Precisamos começar a trabalhar e pôr tudo para fun-





cionar o mais depressa possível! Espere só para ver que maravilha de confeitaria vamos fazer daquele Grude!

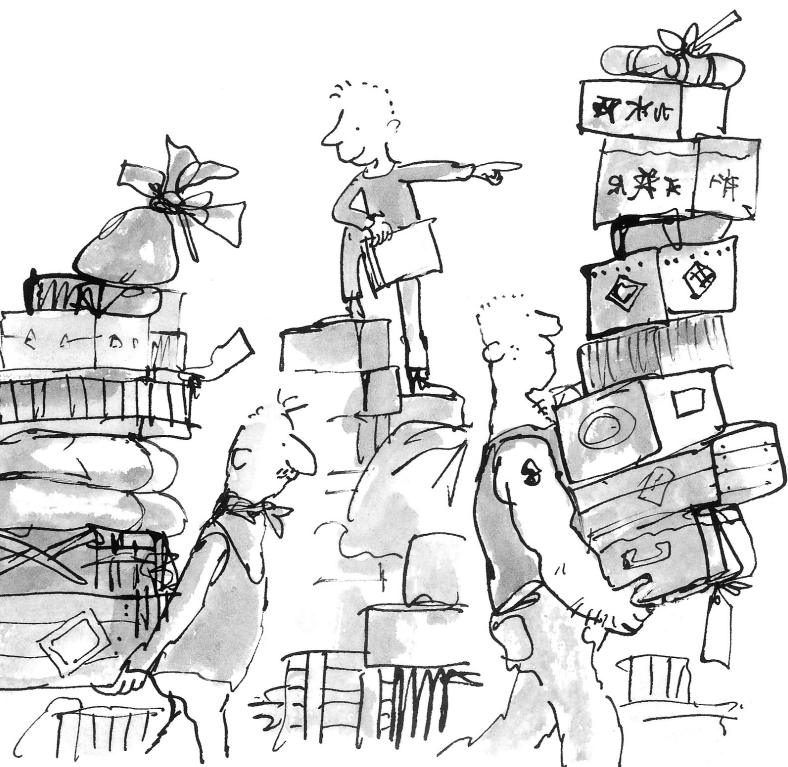
Depois daquilo, as coisas aconteceram com uma rapidez impressionante. Não houve problema para comprar a casa, pois ela era da Girafa, do Pelicano e do Macaco, e eles insistiram em dá-la ao Duque de graça.

Então pedreiros e carpinteiros reconstruíram tudo por dentro, para a casa voltar a ter três andares. Em todos os andares eles instalaram fileiras e mais fileiras de estantes, com escadas



para subir até as prateleiras mais altas. E também havia cestas para as pessoas colocarem o que compravam.

Depois os doces, chocolates, caramelos, bombons e nugás foram chegando e enchendo as prateleiras. Chegavam de avião de todos os países do mundo, e havia as coisas mais estranhas e fantásticas que se pode imaginar.



Havia apicletes efervescentes e caracomelados em calda da China, bombulhetes de licor e cuspechias de creme da África, coça-dedos de açúcar e melotrecos cristalizados das ilhas Fuji, e lambe-lábios de manteiga e grudemelas de chocolate da Terra do Sol da Meia-Noite.

Durante duas semanas continuavam chegando levas de caixas e cartuchos. Eu já não conseguia



saber de que país vinha cada carregamento. Eu desembrulhava todos os pacotes, um por um, mas juro que depois arrumava tudo direitinho. Lembro-me principalmente dos gigantescos bombons recheados da Austrália, cada um com um imenso morango polpudo escondido dentro de uma camada de chocolate crocante... e dos caramujos de açúcar efervescentes que faziam o cabelo arrepiar assim que a gente punha um na boca... e

havia quinfrens, trigadeiros, bombadas, baba de louça, rala-línguas. Além de tudo isso, também havia coisas deliciosas da famosa fábrica de chocolates do sr. Wonka, como por exemplo os arco-íris Willy Wonka, uma balas que deixavam o cuspe da gente de sete cores diferentes. E o gruda-boca, para pais que falavam demais. E



também as jujubas de menta, que faziam o filho do vizinho ficar com os dentes verdes durante um mês.



No Dia da Grande Inauguração, resolvi deixar meus clientes levarem tudo de graça. O lugar ficou tão cheio que mal dava para as pessoas se mexerem. As câmaras de televisão e os repórteres de jornal estavam todos lá. O próprio Duque ficou do lado de fora, no meio da rua, com meus amigos, a Girafa, o Pelicano e o Macaco observando a cena maravilhosa. Saí da loja para ir ao encontro deles e levei um saquinho de doces especiais para cada um.





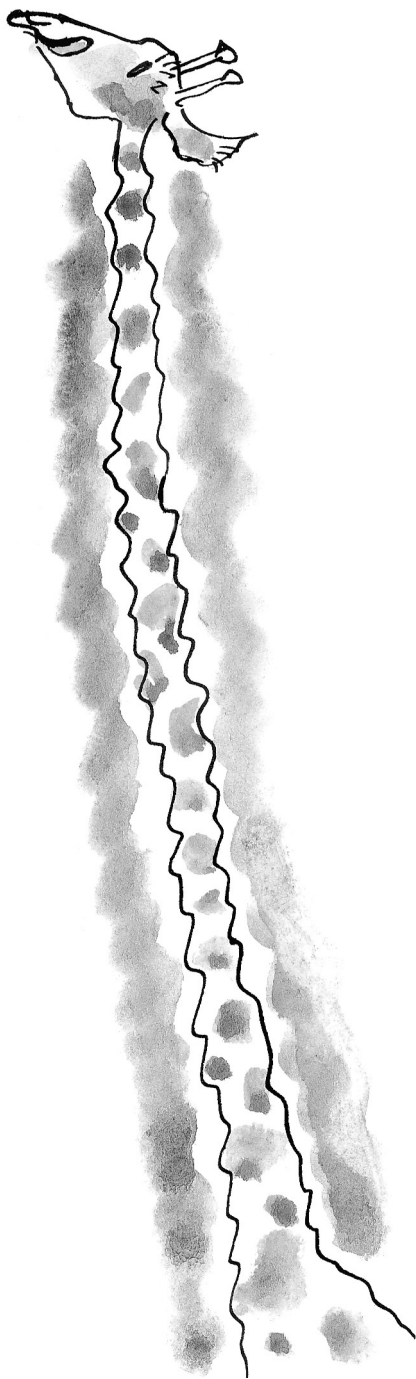
Para o Duque, como o tempo estava meio frio, dei uns bombons abrasadores importados da Islândia. O rótulo garantia que eles aqueciam feito fogo, mesmo que a pessoa estivesse nua em pleno inverno do Polo Norte. Na hora em que o Duque enfiou um na boca, começou a sair tanta fumaça pelas narinas do velhinho que eu pensei que o bigode dele fosse pegar fogo.

– Fantástico! – ele gritava, saltitando. – Incrível! Vou levar uma caixa inteira desses bombons!



Para a Girafa, eu dei um saquinho das deliciosas balas glub-glub, feitas perto de Meca. Assim que alguém punha uma bala daquelas na boca, todos os maravilhosos licores perfumados da Arábia lhe desciam pela goela, um após o outro.

– Maravilhoso! – exclamou a Girafa, quando uma cascata de licores perfumados foi descendo pela sua longa garganta. – É melhor do que minhas melhores flores cor-de-rosa e vermelhas!





Para o Pelicano, eu dei um saco imenso de pifaretos. Quem gosta de comprar esses doces são as crianças que não conseguem assobiar quando andam pela rua. No Pelicano, eles fizeram um efeito incrível. Ele pôs um pifarete no bico, mascarou um pouco e de repente começou a cantar como um rouxinol. O Pelico ficou entusiasmado, pois pelicanos não sabem cantar. Até aquele dia, nenhum pelicano do mundo tinha sido capaz de cantar uma canção.

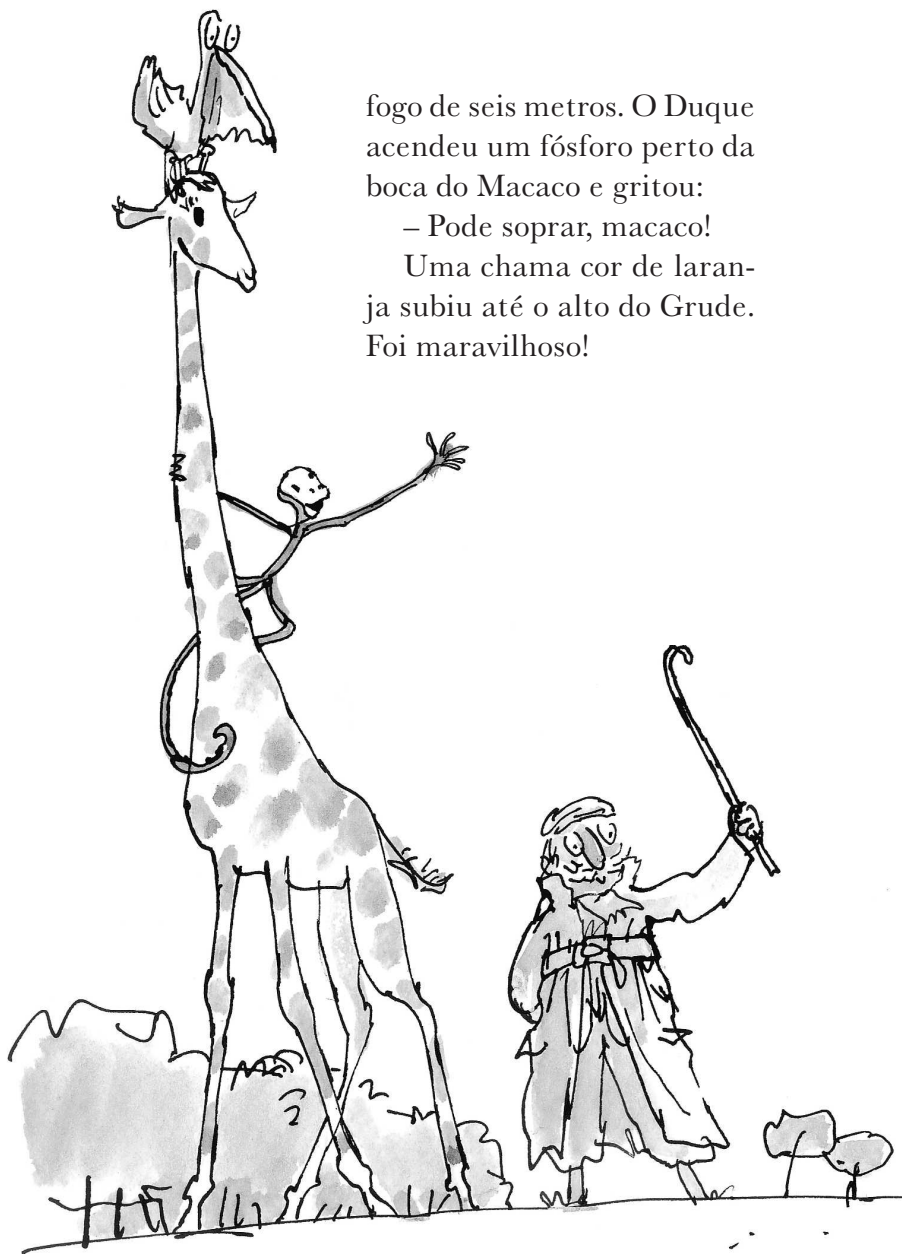
Para o Macaco eu dei um saco de pastilhas do diabo. São uns docinhos muito fortes, que é proibido vender para crianças com menos de quatro anos. Depois de chupar uma pastilha do diabo por um minuto, se alguém acender o sopro da pessoa com um fósforo, forma-se uma coluna de



fogo de seis metros. O Duque
acendeu um fósforo perto da
boca do Macaco e gritou:

– Pode soprar, macaco!

Uma chama cor de laran-
ja subiu até o alto do Grude.
Foi maravilhoso!



– Agora preciso ir – eu disse. – Tenho que dar atenção aos fregueses da loja.

– Também precisamos ir embora – disse a Girafa. – Temos cem janelas para limpar antes de escurecer.

Eu me despedi do Duque e dos três melhores amigos que já tive. De repente, todos nós estávamos quietos e melancólicos. Quase chorando, o Macaco cantou uma canção de despedida:

*Adeus, amigo, mas não fique triste,
Pois é bom saber que a amizade existe!
Se um dia a solidão apertar,
Agora que nos conheceu
Você vai poder procurar
A Girafa, o Pelicano e eu.*

*Quando quiser companhia,
Abra este livro, de noite ou de dia,
E logo vai nos encontrar.
Toda a alegria que o Billy nos deu
Com você queremos partilhar,
A Girafa, o Pelicano e eu.*





Para Roald Dahl, há mais do que ótimas histórias...

Você sabia que 10% dos royalties do autor, obtidos com a venda deste livro, irão ajudar instituições de caridade mantidas por Roald Dahl?

O autor é famoso por suas histórias e poemas, mas o que poucos sabem é que ele ajudava crianças gravemente doentes. Hoje, a Roald Dahl Marvellous Children's Charity ajuda crianças com grandes necessidades. A instituição acredita que toda criança pode ter uma vida maravilhosa, independentemente da gravidade de sua doença ou do tempo de vida que ainda tem.

Saiba mais em www.roalddahlcharity.org

Você pode saber mais sobre a vida de Roald Dahl e como ela influenciou suas histórias no Roald Dahl Museum and Story Centre, em Great Missenden, Buckinghamshire, onde ele morou. O museu é uma entidade sem fins lucrativos que pretende estimular a leitura, a escrita e a criatividade. São três galerias repletas de diversão, com muito para fazer e ver (incluindo a “cabana” onde escrevia). Destinado a crianças de 6 a 12 anos, o museu está aberto ao público em geral e a grupos escolares ao longo do ano.

www.roalddahlmuseum.org

A Roald Dahl Marvellous Children's Charity (RDMCC) é uma instituição de caridade registrada sob o número 1137409.

A Roald Dahl Museum and Story Centre (RDMSC) é uma instituição de caridade registrada sob o número 1085853.

A Roald Dahl Charitable Trust, a mais nova instituição, apoia o trabalho da RDMCC e da RDMSC.